

Diálogos em Reunião Mediúnica:

Percepções e Práticas Inferidas da Doutrina Espírita

José Alberto da Costa Machado <zemachado53@hotmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – Tendo em vista a importância do diálogo com Espíritos desencarnados em reuniões mediúnicas e, considerando, as práticas que carecem de base doutrinária ou que se apresentam controversas o artigo examina aspectos fundamentais desses diálogos – também conhecidos como doutrinações – buscando aportar definições, necessidade, utilidade, objetivos, bases do fenômeno, técnicas, resultados, perfil esperado do dialogador e, com destaque, as particularidades da prática para avaliar o papel das fórmulas, o poder da prece, os falsos profetas do além, o papel da vidência, animismo e mistificação.

Palavras-chave – Diálogo com desencarnados. Reunião mediúnica. Doutrinação.

Submetido em 15/10/2023

Aprovado em 23/11/2023

1 INTRODUÇÃO

O diálogo com Espíritos desencarnados em reunião mediúnica constitui-se foco de preocupação das instituições espíritas sérias e que buscam realizar suas práticas à luz da Doutrina Espírita.

Como são situações que ocorrem com portas fechadas, a dinâmica desses diálogos fica restrita ao conhecimento de poucos, os quais guardam vínculos de amizade e pensamentos comuns, circunstâncias que acabam ensejando condescendência nas avaliações das ocorrências que, no dizer do Allan Kardec devem ser rigorosas e que, quando desprovidas de bom senso e lógica, sejam rejeitadas “desassombradamente”, sendo melhor repelir “dez verdades” do que admitir uma falsidade:

Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. [1: cap. XX, item 230]

Por outro lado, não resta dúvida a importância da boa palavra para com aqueles que comparecem nessas reuniões em busca de alívio para suas dores. André Luiz registra que “*A palavra desempenha significativo papel na construção do espírito [...]. “Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricitas, desligando “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento”*”. [2: cap. 3].

Assim, o objetivo deste texto é examinar, à luz da Doutrina Espírita, aspectos básicos do atendimento, por intermédio do diálogo, a Espíritos desencarnados que comparecem às reuniões mediúnicas.

Seu desenvolvimento será desdobrado nas seguintes seções: definição, necessidade e utilidade; fundamentos básicos e objetivos; bases do fenômeno; técnicas, resultados e roteiro; perfil do dialogador; e particularidades da prática (papel das fórmulas, o poder da prece, os falsos profetas do além, o papel da vidência, animismo e mistificação).

2 DEFINIÇÃO, NECESSIDADE E UTILIDADE

Os homens (Espíritos encarnados) atuam incessantemente sobre os seres espirituais (Espíritos desencarnados) através de exemplos, pensamentos e palavras. Estas, na maioria das vezes, repercutem no mundo espiritual sem que se possa perceber as consequências e reações daqueles que lhes sofrem os efeitos.

O diálogo em uma reunião mediúnica, geralmente conhecido como doutrinação, é um mecanismo de interação entre um Espírito encarnado e outro desencarnado pelo qual busca-se interferir no estado mental do desencarnado através de palavras e sentimentos que permitam, à cada passo, avaliar-se os efeitos que esse diálogo produz.

Ao desencarnar as criaturas prosseguem com seus vícios e virtudes, traumas e harmonias, dores e alegrias e todos os condicionamentos construídos durante a vida física. Os valores que consolidou e as demandas que elegeu para foco de seus interesses situarão o desencarnado em uma condição específica no mundo espiritual, conforme ensina Emmanuel: *“O homem encontra-se, além do túmulo, com as virtudes e defeitos, ideais e vícios a que se consagrava no corpo[...]”. Quem se apaixona pelas organizações caprichosas do “eu”, gasta longos dias para desfazer as teias da ilusão em que se lhe segrega a personalidade”*. [3: cap. 177].

Os que se encontram perturbados ou refratários ao bem necessitam de orientação para modificar seu estado mental, a fim de melhorarem suas condições espirituais. Certamente, a Providência Divina dispõe e mobiliza recursos capazes de ampará-los. E, mais certo ainda, sempre o fez em todos os tempos e segue fazendo em toda a parte onde exista tal necessidade.

Desde o advento do Espiritismo, entretanto, passou-se a dispor de conhecimento e bases para atuação em favor de seres nessa situação. Passou-se a saber que, por repelirem ou por não serem capazes de notar a ação dos bons Espíritos, faz-se necessário um contato com os Espíritos ainda mergulhados na matéria, para que possam ser por eles tocados, tal como ensina Allan Kardec: *“Daí o tornar-se precisa a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade”* [1: item 251].

Nesse mesmo sentido, destaca Emmanuel:

“Grande número de almas desencarnadas nas ilusões da vida física, guardadas quase que integralmente no íntimo, conservam-se, por algum tempo, incapazes de apreender as vibrações do plano espiritual superior, sendo conduzidas [...] às reuniões [...] onde se processam os dispositivos da lei de cooperação e benefícios mútuos[...] [4: questão 378].

O contato com a organização física do médium, secundada pelo diálogo ensinam ao Espírito a modificação da forma de pensar e despertam nele a busca da melhoria: *“[...] cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que neles desponham o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, [...] objetivando sua educação moral”* [5: cap. XXVIII, item 81].

Embora sem possuírem maiores possibilidades do que os Espíritos Superiores, através do diálogo seres encarnados conseguem acessar com mais facilidade os Espíritos perturbados, face à natureza da linguagem e das vibrações que lhes são peculiares.

Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. [...] quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. [...] O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o

homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra [1: item 254-5a. pergunta].

3 FUNDAMENTOS BÁSICOS E OBJETIVOS DO DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS

3.1 JESUS: O MODELO

Nos diálogos de Jesus com as personagens de sua epopeia terrena, encontramos um método peculiar de auxílio que consistia em levar o interessado a refletir sobre sua própria situação, sem se sentir violentado em seu livre arbítrio.

Esse modelo parece ter por objetivo principal levar o interlocutor a se aproximar, por si próprio, da verdadeira razão de sua desdita. Por isso, os diálogos do Cristo não são catequeses, reprimendas ou discursos moralistas. São, em vez disso, questionamentos e observações amorosas, orientadas no sentido de fazer o interlocutor refletir sobre seu próprio estado. Exemplos:

Vai, chama teu marido e volta aqui. A mulher lhe respondeu: não tenho marido. Jesus lhe disse: falaste bem “não tenho marido” pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade [6: João 4, 16].

Então, erguendo-se, Jesus lhe disse: Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Disse ela: ninguém Senhor. Disse, então, Jesus: nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais [6: João 8, 10].

Mesmo junto aos adversários de sua obra, o método parece ser o mesmo.

Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; eles sabem o que eu disse. À essas palavras, um dos guardas, que ali se achavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: assim respondes ao Sumo Sacerdote? Respondeu Jesus: se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?. [6: João 18, 21-23]

Essa abordagem coloca os interlocutores como os agentes principais da mudança. Jesus, como celeste psicólogo, propicia-lhes o ensejo da aproximação reflexiva com suas chagas interiores e, pelo amor com que trata a todos, estimula-os à modificação do estado mental e a desejarem a melhoria.

Assim deve ser o diálogo com os Espíritos desencarnados:

- Mais oferecimento de atenção que determinação de receitas;
- Mais carinho de quem ama que preleção de quem sabe;
- Mais demonstração de compreensão que sermão catequético;
- Mais testemunho de sinceridade que capricho por convencer.

3.2 OBJETIVOS DO DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS

Os que atuam em reuniões mediúnicas atendendo Espíritos desencarnados, costumam supor que lá comparecem essencialmente como agentes da caridade e com percepções de que os únicos ou principais beneficiados são os Espíritos. Mas, não é assim. Veja-se o que leciona o Cristo: *“Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os Espíritos; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos céus”* [6: Lucas, 10:20].

Então, aqueles que participam dessas atividades devem compreender que lá estão, sobretudo, para aprenderem, com os exemplos advindos dos comunicantes, lições que os auxiliem a progredir, a serem melhores, a reformarem condutas, a exercitarem o amor pelo semelhante. Aos dialogadores, em particular, vale lembrar Emmanuel, que é categórico em relação ao assunto:

Os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Divino Mestre, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração [7: cap. 145].

Obviamente, consoante o que nos enseja o conhecimento espírita, também é objetivo de reuniões dessa natureza buscar contribuir para que desencarnados refratários ao bem ou em situação de perturbação possam despertar para necessidade de renovação através do arrependimento e do apressamento do progresso. É assim que registram as fontes doutrinárias: *“Se se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados”* [5: cap. XII, item 6].

Com seriedade, zelo, respeito e amor, em muito se pode contribuir, por intermédio dessas atividades, para a melhoria do padrão de influências espirituais que interferem sobre vida humana, como bem está registrado no Livro dos Médiuns:

Não se pode combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os? Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso [1: item 254-5a. pergunta].

4 BASES DO FENÔMENO NO DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS

O diálogo com um Espírito desencarnado é um fenômeno, isto é, uma ocorrência que tem unidade cognitiva e, por essa razão, pode ser identificado, dissecado, estudado e analisado em suas nuances e especificidades. Suas premissas e dinâmicas são regidas por circunstâncias bem registradas nas obras espíritas. Veja-se abaixo algumas dessas situações:

a) O âmbito e a matéria-prima para a ação dos Espíritos

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis [8: cap. XIV, item 13, 1º parágrafo].

b) A expressão das criações fluídicas

[...] esses fluidos têm para os Espíritos [...] uma aparência tão material, quanto os objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais. [8: cap. XIV, item 3, 2º parágrafo].

[...] O pensamento pode materializar-se, criando formas que muitas vezes se revestem de longa duração, conforme a persistência da onda em que se expressem [9: cap. 19, primeiro parágrafo]

c) Mecanismo de manipulação dos fluidos

Os Espíritos¹⁰⁰ atuam sobre os fluidos espirituais [...] empregando o pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração, mudam-lhe as propriedades [8: cap. XIV, item 14, 1º parágrafo].

d) O automatismo e a instantaneidade da ação sobre os fluidos

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera [8: cap. XIV, item 14, 2º parágrafo].

Ora, para isso, não se faz mister que o pensamento se exteriorize por palavras, quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre. [8: cap. XIV, item 19, 2º parágrafo].

e) Repercussão do pensamento sobre os fluidos

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há nesses fluidos, ondas e raios de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e vibrações sonoras.

Há mais: criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele o corpo e aí de certo modo se *fotografa* [...]. O pensamento cria a imagem [...] e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no Espírito [8: cap. XIV, item 15, 2º parágrafo].

Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião [...]. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual [...]. [8: cap. XIV, item 19, 1º parágrafo].

O pensamento, portanto, produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral [...] [8: cap. XIV, item 20, 1º parágrafo].

f) O ambiente espiritual

Em cada reunião espírita, orientada com segurança, temo-los [os arquitetos da vida espiritual] prestativos e operantes, eficientes e unidos, manipulando a matéria mental necessária à formação de quadros educativos [...].

Esse centro abrange vasto reservatório de plasma sutilíssimo, de que se servem os trabalhadores a que nos referimos, na extração dos recursos imprescindíveis à criação de formas-pensamentos, constituindo entidades e paisagens, telas e coisas semi-inteligentes, com vistas à transformação dos companheiros dementados que intentamos socorrer [...] [*os arquitetos da vida espiritual*] operam com precedência em nosso programa de obrigações, consultando as reminiscências dos comunicantes que devem ser amparados, observando-lhes o pretérito e anotando-lhes os labirintos psicológicos, a fim de que em nosso santuário sejam criados, temporariamente embora, os painéis movimentados e vivos, capazes de conduzi-los à metamorfose mental, imprescindível à vitória do bem.

É assim que, aqui dentro, em nossos horários de ação, formam-se jardins, templos, fontes, hospitais, escolas, oficinas, lares e quadros outros em que os nossos companheiros desencarnados se sintam como que tornando à realidade pregressa, através da qual se põem mais facilmente ao encontro de nossas palavras,

¹⁰⁰ Encarnados e desencarnados atuam sobre os fluídos espirituais da mesma forma e, portanto, produzindo efeitos similares, como se deduz da citação a seguir: “O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais como o dos desencarnados” [8: cap. XIV, item 18, 3º parágrafo].

sensibilizando-se nas fibras mais íntimas e favorecendo-nos, a interferência que deve ser eficaz e proveitosa [...].

Para isso, porém, [...] é necessário oferecer-lhes o melhor material de nossos pensamentos, palavras, atitudes e concepções [10: cap.7].

Como se constata, o que o dialogador fala, pensa e sente tem efeito vívido, real e impressionável para o comunicante desencarnado. Resulta dessa interação os efeitos que produzirão na intimidade dele, levando-o a asserenar-se, esclarecer-se, confortar-se ou, se sendo inadequada ou despreparada, conduzindo-o as situações mais agravadas em suas dores, seus ódios, seus desalentos.

5 O DIÁLOGO: TÉCNICAS, RESULTADOS, PROCESSO

5.1 AS TÉCNICAS

Cada diálogo é sempre diferente de outro, porque os Espíritos são individualidades distintas e não podem ser tratados mecanicamente, como se um fosse cópia de outro. Por essa razão não há técnicas padrões e sim modelos gerais, mais para finalidades didáticas do que para aplicação prática, como se fosse uma bula. Algumas dessas técnicas são resumidas a seguir:

a) **Conversação** – trata-se de uma alternativa na qual o diálogo é conduzido como uma conversa fraternal, respeitosa e sincera e, na qual, o rumo a ser tomado fica sempre na dependência do andamento da interação com o Espírito comunicante;

b) **Doutrinação** – trata-se de uma alternativa na qual seu desenrolar assume uma natureza discursiva, de preleção e de pouca interação com a entidade comunicante;

c) **Persuasão**- trata-se de uma alternativa que se desenvolve no sentido de induzir o Espírito a experimentar certas situações, incluindo mesmo regressões de memória e técnicas avançadas de sugestionamento. Por isso mesmo, seu uso reveste-se de extremado cuidado e só deve ser usada em situações excepcionais, pois representam invasão na intimidade mental do Espírito, âmbito sagrado de sua privacidade como ser;

f) **Oração**- trata-se de uma alternativa que se utiliza para produzir uma modificação provisória no estado mental do comunicante.

Difícilmente usa-se exclusivamente uma ou outra técnica. O normal é que se procure adequar à cada situação a técnica de referência, utilizando-se das demais, conforme as circunstâncias. Em qualquer condição deve-se compreender o inexorável dever de respeito e compreensão para como o comunicante, evitando-se a inconveniência de violar seu mundo íntimo ou expondo-o a situações, às quais reagem desfavoravelmente ou que representam violação do seu livre arbítrio.

Acima de tudo convém considerar que nenhuma técnica tem sentido sem que o amor a legitime. Porque, consoante o que ensinou Jesus, o método fundamental a ser usado pelo cristão para contribuir com o mundo e com os outros será sempre o do “brilhe a vossa luz”, bem em consonância com o que ensina João Cleofas:

Diante, portanto, dos Espíritos em perturbação que nos chegam, seja a nossa atitude de caridade. A caridade dir-nos-á a palavra certa, no momento próprio, para cada aflição e despautério; apresentar-nos-á o sentimento específico para envolver aquele que chega conforme lhe seja de melhor e não consoante o seu desejo arbitrário. [11: mensagem Técnica da Caridade].

5.2 OS RESULTADOS

Em geral, costuma-se avaliar os resultados de uma reunião mediúnica de assistência aos desencarnados pela quantidade de espíritos atendidos, pela quantidade de comunicações ocorridas na reunião e, em particular, pelo suposto efeito transformador dos diálogos conduzidos.

Preocupações dessa natureza, focadas em resultados imediatistas e quantitativos, acabam ensejando posturas similares àquelas adotadas pelos que se consideram missionários da renovação alheia. Nesse diapasão, somos tentados a adotar as “novidades técnicas” sem verificação de sua adesão aos postulados do Cristo e, com esquecimento de que, o primeiro e mais fundamental compromisso do trabalhador espírita é o da sua própria renovação interior.

Particular atenção deve merecer a avidez por transformar, a qualquer custo, a situação do Espírito comunicante, mesmo que tal postura seja movida pela real boa intenção. Isso é o que nos adverte, enfaticamente, Emmanuel:

Ninguém aguarde êxito imediato, ao procurar amparar os que se perderam na desorientação. É impossível dispensar a colaboração do tempo para que se esclareçam as personagens das tragédias humanas e, segundo sabemos, nem mesmo os apóstolos conseguiram, de pronto, convencer as entidades perturbadas, quanto ao realismo de sua perigosa situação. [7: cap. 146].

Boas métricas para avaliar os resultados de tais reuniões deveriam incluir questões como:

- Os exemplos e situações que são atendidos nas reuniões têm contribuído para melhorar os membros do grupo?
- Os dialogadores têm experimentado mais alegria íntima, mais amor ao semelhante, mais gratidão à Deus, mais vontade de servir?
- Os Espíritos têm verbalizado sentimentos modificados e demonstrado perceber o respeito e o amor com que são tratados?

5.3 O PROCESSO

Nesta seção, com base em experiência de 45 anos do autor, apresenta-se uma sugestão de roteiro para a condução do diálogo. Registre-se que não há fórmulas, receitas, regras ou padrões inflexíveis. Cada Espírito recebido trará consigo, sempre, um mundo próprio e diferente de qualquer outro. O roteiro proposto tem mais a finalidade de organizar os momentos relevantes que precisam ser ditos em conta na hora de um diálogo concreto. São, como seguem:

- a) Aguardar a iniciativa do Espírito. Só se antecipar se notar dificuldade grave para início do processo;
- b) Cumprimentar, dar boas-vindas e colocar-se à disposição;
- c) Ouvir o desabafo do Espírito para poder formar uma ideia sobre o comunicante: sexo, situação em que se encontra, foco da inquietude, etc.;
- d) Iniciar o diálogo para aclarar alguma dúvida, aproveitando o ensejo para demonstrar atenção e carinho;
- e) Formular, mentalmente, um rumo para direcionar o diálogo e tentar seguir o curso formulado;
- f) Se perceber que o encaminhamento corresponde às necessidades do Espírito e que não provoca reações ou recusa por parte dele, então aprofundar o curso estabelecido, sem desvios para outros rumos;

- g) Se houver reações ou se o Espírito permanecer refratário ao encaminhamento escolhido, deve ser tentada outra estratégia;
- h) Ocorrendo algumas tentativas sem êxito, o mais adequado é encaminhar o encerramento do diálogo com uma prece;
- i) Uma vez estabelecido o diálogo no rumo que parece ter repercussão sobre o Espírito, conduzir a continuidade de forma cautelosa para evitar que o Espírito suponha ter caído em armadilha ou se sinta em julgamento;
- j) Quando perceber que o Espírito se expressa mais reflexivo, fazer uma breve recapitulação do diálogo e encaminhar o encerramento do mesmo;
- k) Em todos os passos procurar utilizar sempre as próprias palavras e sentimentos do Espírito e trabalhar sempre no sentido de levá-lo, por si mesmo, ao encontro de suas próprias carências.

Por fim, resta registrar, com ênfase, que não é obrigatório que o Espírito tenha que sair convencido, transformado, convertido ou capitulado. O mais importante é que ele leve material para reflexão, agregado de percepções sobre o respeito e fraternidade dos que o atenderam e sobre a disponibilidade e atuação da misericórdia divina em seu favor.

6 O PERFIL DO DIALOGADOR

Antes de qualquer outra característica, o dialogador precisa dispor de autoridade moral, sincero sentimento de fraternidade e desejo honesto de servir. Assim os Espíritos se manifestam:

[...] quanto mais digna for a pessoa tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair ... aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá [12: questão 476].

[...] porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser moralmente superior ao Espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral [1: cap. XXIII, item 251].

[...] o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral [1: cap. XXIII, item 254, 5a. pergunta].

Ninguém exerce ascendente sobre os Espíritos inferiores senão pela superioridade moral [1: cap. Cap. XXV, item 279].

O sr. Almiro era o protótipo do médium-doutrinador, porque unia ao conhecimento espírita os dotes morais de que era investido, e muito sensível à inspiração dos Mentores. Com esses requisitos a sua palavra se impregnava de força esclarecedora, capaz de conquistar os oponentes naturais com os quais trabalhava [13: cap. Terapia Desobsessiva].

Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo [1: cap. XXIV, item 26].

Além das características acima, o doutrinador deve, também, possuir em seu perfil:

- a) Saber ouvir, sem se deixar envolver pela impaciência ou enfado;
- b) Externar o que pensa somente após, sinceramente, examinar a problemática do outro utilizando a técnica de colocar-se, mentalmente, em seu lugar;
- c) Controlar os pensamentos para que, durante a fala do interlocutor, eles não expressem oposição ao conteúdo ou rumo do diálogo;

- d) Evitar, no diálogo com o outro, assumir atitudes que sejam frutos de preconceitos pessoais;
- e) Cuidar para que toda e qualquer expressão verbal seja fruto de sinceridade;
- f) Falar pausadamente e de forma ordenada para que o raciocínio se expresse de maneira clara;
- g) Evitar polêmicas, desafios e disputas sobre pontos de vista;
- h) Compreender – e por isso evitar - que determinadas verdades, para o Espírito, poderão representar perturbações maiores do que aquela na qual se encontra;
- i) Saber dosar a demonstração de conhecimento para que não parece desrespeito;
- j) Compreender situações passíveis de conduzir a impasses, a fim de poder mudar o rumo do diálogo de maneira prévia.

7 PARTICULARIDADES DA PRÁTICA

No decorrer da prática real das atividades mediúnicas surgem situações que requerem do dialogador posições previamente refletidas para que, no calor das ocorrências, não se deixe levar pelos costumes que vêm sendo copiados e reproduzidos sem bases razoáveis nos ensinamentos doutrinários. Nesta seção, são destacadas algumas dessas situações, tidas como as de maior incidência.

7.1 O PAPEL DA FÓRMULAS

Com referência ao uso de fórmulas na interação com os Espíritos, estes “[...] *riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério*” [12: questão 477.] O uso que as pessoas fazem de fórmulas tem “*o efeito de torná-las ridículas se procedem de boa-fé. No caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são meras charlatanice [...]*” [12: questão 553].

E será sempre em vão evocar-se ou pronunciar o nome de Deus, de Jesus ou de Espíritos nobres cujos nomes são respeitados, quando o dialogador não possuir autoridade íntima ou condições morais para fazê-lo. É o que se lê na obra doutrinária:

O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade. Pronunciado por quem nenhuma superioridade moral tenha com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra [1: cap. XXV, item 279].

7.2 O PODER DA PRECE

“A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas não basta que alguém murmure algumas palavras para que obtenha o que deseja” [12: questão 479].

“Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos desconfortados se sentem, menos infelizes [...] A prece reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal pensamento” [5: cap. XXVII, item 18].

7.3 OS FALSOS PROFETA DA ESPIRITUALIDADE

“Há-os também e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da humanidade [...] se

apropriam sem escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam [...] Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o isolamento” [5: cap. XXI, item 10].

“Qualquer que se seja a confiança na origem da comunicação, uma recomendação deve ser sempre seguida: “a de pesar e meditar; e a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro”. [1: item 266]

7.4 O AUXÍLIO DA VIDÊNCIA E OS RISCOS INERENTES

“[...] as imagens que, através dos olhos, vão ter ao cérebro, deixam aí uma impressão [...] Ora, em certos estados de emancipação, a alma vê o que está no cérebro, onde torna a encontrar aquelas imagens [...] De sorte que a alma vê realmente; mas vê apenas uma imagem fotografada no cérebro” [1: cap. VI, item 113, sétimo parágrafo].

“É fora de dúvida que algumas pessoas podem enganar-se de boa-fé, porém, outras podem também simular esta faculdade [a vidência] por amor-próprio, ou por interesse” [1: cap. XIV, item 171].

“É uma aptidão a que se opõe o estado atual dos órgãos visuais. Por isso é que cumpre nem sempre acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos” [1: cap. XVI, item 190, quinto parágrafo].

“A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação [...] Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que se desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas” [1: cap. XIV, item 171].

“Podem os Espíritos levianos aproveitar-se dessa disposição [faculdade de ver], para enganar, por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium” [1: cap. XXIV, item 268, 14a. pergunta].

7.5 ANIMISMO E MISTIFICAÇÃO

Situação desconfortável para o dialogador é supor-se diante de ocorrências tidas, em geral, como animismo ou mistificação. Para lidar com tais eventos torna-se fundamental ter o correto entendimento sobre o que eles significam. Há, nas obras doutrinárias, inumeráveis fontes onde os detalhes desses fenômenos são dissecados em todas as suas nuances. Para efeito deste trabalho, entretanto, é suficiente a compreensão de suas essências, como apresentadas abaixo:

- a) **Animismo:** fenômeno cujo agente causal é o próprio médium. Em face às circunstâncias que vive o médium, sem má-fé, assimila como de origem externa, sentimentos, emoções e estados mentais que são originários de suas próprias vivências;
- b) **Mistificação:** simulação consciente de uma falsa situação. Pode ser provocada pela má-fé do próprio médium ou do Espírito.

Qualquer que seja a situação, não há razão para preocupações em demasia. Basta que o diálogo seja conduzido como se se estivesse, concretamente, diante de uma situação real, procedendo com igual amor e empenho em servir. Ou seja, o andamento da conversa se verificará conforme se apresente a fonte da comunicação, sem prevenções ou suposições de que se está diante de uma mentira ou falsa situação.

Adotando-se tal atitude como diretriz geral e evitando-se predisposições bloqueadoras, o dialogador seguirá sendo agente da misericórdia divina em favor do ser com quem estiver interagindo,

seja ele um médium ou Espírito mistificador, ou seja, simplesmente um médium exteriorizando inquietudes interiores.

8- APRENDIZADOS

Revisitando as fontes doutrinárias, foi possível perceber que as obras básicas da Doutrina Espírita e aquelas que lhe são complementares são ricas e sólidas em informações capazes de orientar a prática segura e séria das atividades mediúnicas, especialmente, no que se refere ao diálogo com os encarnados.

Foi possível compreender, também, que se tais fontes fossem mais conhecidas e adotadas como base para as práticas mediúnicas das instituições espíritas, o recurso da mediunidade já estaria disponível, de forma mais ampla, para a gama de desalentados que se aproxima dessas instituições em busca de socorro e orientação.

Particular destaque deve ser dado para a insistência, veemência e gravidade com as quais Allan Kardec, os Espíritos superiores da codificação e os benfeitores responsáveis por obras complementares sérias tratam a questão do uso da lógica, do raciocínio, do bom senso, da análise, da avaliação criteriosa de tudo que chega por via mediúnica. As advertências deles sobre o deslumbramento, a emoção vazia, a credulidade, a simploriedade, as tolices, crendices e/ou outros quais tais são repetidas e reiteradas, com clareza solar. Mesmo assim, constata-se que esse continua sendo um flanco aberto às influências malsãs que tanta preocupação trazem para os que dirigem instituição espírita.

9- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do trabalho foi reunir e organizar, resumidamente, ensinamentos doutrinários capazes de orientar, na prática mediúnica, os diálogos com Espíritos desencarnados. A estratégia utilizada foi no sentido de propiciar ao leitor fundamentos mínimos para clarear os principais aspectos do atendimento, compreendido este como um conjunto de mosaicos de conhecimentos que, no todo, propiciam autonomia e segurança embasadas na Doutrina Espírita.

Para tanto, o texto discorreu sobre definição, necessidade e utilidade, fundamentos e objetivos do diálogo com Espíritos desencarnados; examinou as bases do fenômeno; identificou técnicas, comentou sobre os resultados a serem esperados de tais diálogos, bem assim, apresentou possível roteiro para o processo e, ainda, elencou itens que são requeridos daqueles que se vinculam a tais atividades. Por fim, discorreu sobre situações que envolvem a prática concreta, como soem ser papel das fórmulas, o poder da prece, os falsos profetas do além, o papel da vidência, animismo e mistificação.

Por certo, o trabalho não substitui as variadas e sólidas fontes doutrinárias sobre o tema. Nem isenta o leitor ou trabalhador da atividade mediúnica de dedicar-se – mais e mais – a aprofundar-se sobre o tema. Porém, lido e compreendido, poderá ser fonte útil para ensinar, de forma organizada e fundamentada, apoio aos que atuam nessas atividades.

Como o trabalho foi escrito de forma resumida, em razão de ser destinado à apresentação em evento de estudos (VIII Simpósio FAK, outubro/2023), uma sugestão de prosseguimento seria o aprofundamento – por outros trabalhos ou eventos curtos específicos – dos temas e aspectos trazidos à tona pelo texto.

Com gratidão a Jesus e aos benfeitores espirituais pela benção de poder ter produzido o trabalho, entrego-o, com alegria, nas mãos do leitor amigo, com a expectativa de que o mesmo seja lido com generosidade e com a devida condescendência para com suas falhas, que certamente porta.

10- REFERÊNCIAS

- [1] KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro da 49 ed. francesa. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
- [2] XAVIER, Francisco C. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito Andre Luiz. 35. ed. 3.imp. Brasília: FEB, 2013.
- [3] XAVIER, Francisco C. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2018.
- [4] XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2019.
- [5] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2.ed. 7.imp. Brasília: FEB, 2018.
- [6] BÍBLIA DE JERUSALEM. 1.ed. 10.imp. São Paulo: Paulus, 2015.
- [7] XAVIER, Francisco C. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2014.
- [8] KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro da 5ª ed. francesa. 53. ed. 5.imp. Brasília: FEB, 2018.
- [9] XAVIER, Francisco C. e Vieira, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.
- [10] XAVIER, Francisco C. *Educandário de Luz*. Espíritos Diversos. 1. ed. 1. imp. Brasília: FEB, São Paulo: IDEAL, 2021.
- [11] FRANCO, Divaldo P. *Suave luz nas sombras*. Pelo Espírito João Cleofas. Salvador: LEAL, 2003.
- [12] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4.imp. Brasília: FEB, 2017.
- [13] FRANCO, Divaldo P. *Trilhas de libertação*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 10 ed. 2 imp. Brasília: FEB, 2013].